



## Associativismo sino-moçambicano e o caso do Wushu: história, atualidade e perspectivas <sup>□</sup>

Laura António Nhauelque\* e Luca Bussotti\*\*

PP. 49-59

### Introdução

Este artigo pretende abordar um assunto quase desconhecido em Moçambique: o estado da arte, a difusão, os desenvolvimentos e as perspetivas do Wushu. O interesse em abordar um tal tema prende-se com a presença cada dia crescente da China e da sua cultura em África e nomeadamente em Moçambique, assim como com o conhecimento direto por parte dos autores deste texto dos protagonistas do Wushu moçambicano, a partir do Mestre Cheng Fu Wang. Calcula-se hoje que existem cerca de mais de 40 Institutos Confúcio em África (eram zero em 2005), usados como a mais eficaz, embora não a única arma de penetração no continente mediante políticas de *soft power* (Procopio, 2015).

Esta dupla motivação levou os autores a frequentar diariamente, com poucas ausências, as aulas de Wushu ao longo de quase todo o ano de 2018, por vezes até praticando os treinos que o Mestre costuma dirigir, desta forma entrando em contato direto com todos os praticantes desta disciplina, assim como com o pessoal do Centro Cultural China-Moçambique (CCCM), que desde 2014 hospeda as atividades do Wushu.

A pesquisa foi levada a cabo mediante uma abordagem qualitativa. A literatura especializada foi extremamente reduzida e focada numa perspetiva histórica, não tendo encontrado nenhum estudo específico sobre artes marciais em Moçambique, sobretudo com referência ao período mais recente. Contou-se, portanto, com textos que trataram de forma geral do associativismo chinês em Moçambique, explorando mais as informações provenientes das fontes orais a respeito da modalidade específica do Wushu. Tais fontes foram entrevistadas no CCCM da Baixa de Maputo, contando com pessoas de idade mais avançada, que foram testemunhas diretas e indiretas (geralmente mediante as narrações dos pais chineses, que contribuíram a fundar o Centro) do Wushu no século passado, e com muitas conversas informais junto aos protagonistas atuais desta modalidade em Moçambique. As conversas ocorreram quer durante as aulas de Wushu, quer na casa do Mestre, em momentos conviviais a que os dois autores deste artigo foram convidados regularmente.

<sup>□</sup> 10.21747/08742375/afr34a3

\* CEMRI – Universidade Aberta de Lisboa, Instituto Superior Monitor, Maputo, Moçambique.

\*\* Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), CEI ISCTE-IUL, Lisboa.

Depois de uma primeira parte em que se reconstrói brevemente o historial do Wushu e as suas características, segue-se uma segunda dedicada ao associativismo chinês em Moçambique e, no terceiro ponto, apresentam-se os resultados da pesquisa empírica. Os autores estão conscientes de que este texto constitui apenas uma primeira pedra para construir um edifício que, se bem explorado, poderá apresentar diversos interesses em vários domínios, desde o do desporto no sentido estrito até à evolução do associativismo chinês e sino-moçambicano, para além da questão do provável uso “político” que o governo chinês poderá fazer (ou que já está fazendo) do Wushu, como elemento do seu *soft power*, juntamente com a abertura do Instituto Confúcio dentro da Universidade Eduardo Mondlane em 2012.

### Breve nota sobre a história do Wushu

A literatura sobre a origem do Wushu mostra-se muito escassa, embora se suponha que esta arte marcial tenha suas bases já há 3000 anos (Acevedo, Gutiérrez & Cheung, 2011) ou até há 5000 anos (Tubino, Tubino & Garrido, 2007). Documentação comprovativa da existência do Wushu remonta à dinastia Shang (1766-1122 a.C.), segundo evidências encontradas em ilustrações feitas em ossos e cascos de tartarugas (Henning, 1999).

A dificuldade em estabelecer um início preciso do Wushu deriva de vários fatores, entre os quais o facto de muitos imperadores terem praticado a destruição sistemática da documentação anterior à sua ascensão política e, bem assim, a problemática interpretação das inúmeras metáforas expressas mediante ideogramas típicos da língua chinesa antiga (Silva Mocarzel, 2018).

Assim, há quem defenda que esta modalidade terá começado a partir da necessidade do próprio homem em se defender dos perigos derivados dos animais ferozes ou até do seu próprio semelhante. Por outro, esta arte marcial ter-se-á originado a partir da observação e emulação dos movimentos de defesa e ataque de 5 animais: serpente, leopardo, tigre, garça e dragão. Essas técnicas de defesa foram cada vez mais aperfeiçoadas através da prática que viria a dar origem ao Wushu, oficialmente reconhecido pelo governo chinês em 1926 como 中国武术, ou seja, *Zhongguo Wushu* (Zamblera, SD). Outra versão dá a paternidade do Wushu ao monge budista, Bodhidharma (que teria também fundado o budismo ch'an), que provavelmente entrou na China em 520 d.C., segundo a informação presente no livro dos considerados Altos Sacerdotes, disponível no templo Yung-ning em Lo-yang (Lopes, 2017). Bodhidharma terá desenvolvido cerca de 18 técnicas com a finalidade de ensinar aos monges do templo (atual Shaolin) formas de se aliviarem do cansaço corporal e mental provocado pelas prolongadas horas de meditação. Entretanto, existem sérias dúvidas sobre esta versão e, até, sobre a própria existência deste monge budista (Portal de Kung Fu, 2012).

Autores, como Lopes, afirmam que as escavações feitas revelaram artefactos como “catalanas, flexas, machados de pedra” usados em combates, que remontam ao terceiro imperador de Outono Chinês, o Huang-Ti (Lopes, 2017).

Outro mito que caracteriza a história do Wushu está relacionado com a prática do Tai Chi Chuan. Neste caso, teria sido o taoísta Zhang Sanfeng (nascido provavelmente por volta de 1270 d.C, durante a dinastia Song) a iniciar esta tradição, segundo o princípio de que “a imobilidade vence o movimento” e a “suavidade vence a dureza”. Tudo isso se basearia nos conceitos taoístas Ying e Yang, que expressam a harmonia dos contrários (Napolitano, 2019).

O termo Wushu quer dizer arte de fazer guerra, ou arte marcial, a qual se foi ramificando, dando origem a outras artes, como, por exemplo, Kung-Fu (que significa habilidade de um homem adulto em levar a cabo uma certa atividade), Tai chi chuan, até influenciando o surgimento do japonês Karaté, entre outras. A nomenclatura desta arte marcial conheceu várias mudanças ao longo da história da China. Na dinastia Shang (1766-1122 a.C.) o Wushu era conhecido por Ch'uan fa, ou seja, estilo do punho. No período dos Estados Guerreiros (480 a 221 a.C.), foram usadas as técnicas do Wushu para enfrentar o inimigo e aqui o chamavam de Chi Chi Wu (Lopes, 2017).

Um dos discípulos de Bodhidharma inventou o “sistema de punho de pedra e das 18 mãos de lohan” e, a partir deste sistema, o monge Chueh Yuan criou 72 técnicas. O Pai Yu-Feng e Li Cheng fundiram os dois primeiros sistemas e criaram 170 técnicas, consideradas como alicerce do Wushu do estilo Shaolin nos nossos dias.

Em 1912 é implantado o sistema republicano na China e este fato marca o Wushu moderno. Os republicanos chineses com objetivos políticos usaram o Wushu para persuadir o povo e implantar o espírito nacionalista. Chamaram o Wushu de Koushu, quer dizer, arte nacional (Li Chi, 1974).

Em 1949, quando os comunistas tomam o poder, o Wushu sofre profundas mudanças, não só a nível da nomenclatura mas também das próprias técnicas tradicionais. O então Koushu passa a ser chamado pela primeira vez de Wushu, designação que prevalece até aos nossos dias. Os filmes da década de 1980 realizados em Hong Kong e influenciados pela cultura artística japonesa, onde o Wushu estava presente, deram uma grande contribuição à popularização desta arte. Existem algumas datas importantes que mostram claramente a evolução do Wushu moderno. Como recordado anteriormente, em 1926 o governo chinês reconhece oficialmente o Wushu, e em 1928 é criado o Instituto Central do Wushu e, em 1956, a Associação do Wushu, associação que o torna uma competição oficial. Três anos depois são criadas as devidas regras de competição. Desde 1982, a China reconheceu o Wushu a nível nacional como um desporto, integrado no currículo escolar, com cursos de mestrado em Wushu funcionando em várias universidades chinesas.

Desde 1987 iniciou-se o Campeonato Asiático de Wushu. Em 1990, foi criada a Federação Internacional de Wushu, que marcou o início dos Campeonatos Mundiais de Wushu, o último dos quais foi celebrado em Outubro de 2018.

### Breves notas sobre o associativismo chinês em Moçambique

O associativismo chinês em Moçambique está diretamente ligado à presença e evolução da comunidade chinesa no país. Conforme estudos anteriores, no período colonial os dois pólos atrativos para os chineses em Moçambique foram Beira e Lourenço Marques, atualmente Maputo. Desde 1858, quando os primeiros 30 *coolies* (chineses artesãos, entre carpinteiros, serralheiros, pedreiros e outras figuras profissionais) chegaram a Moçambique provenientes da colónia asiática portuguesa de Macau (Medeiros, 2007) até hoje, a comunidade chinesa tem sofrido inúmeras transformações, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Em síntese, é possível caracterizar os primeiros chineses como pequenos artesãos de língua cantonesa, chegados a Moçambique a pedido do Governador-geral, Visconde de Paço d'Arcos, provenientes da região de Guandong (Cantão). Entretanto, só depois de 1881, terminada a segunda guerra do ópio, os *coolies* se tornaram mais numerosos, e foi justamente a partir de então que o associativismo chinês começou a ganhar uma certa expressão em Moçambique.

A Associação da Comunidade Chinesa em Moçambique foi fundada em 1890, e em 1922 na Beira constituiu-se o Clube Chinês (Macagno, 2011). O primeiro associativismo chinês foi de matriz republicana, apoiante da revolução Xinhai liderada por Yat-sem e contra a dinastia Manchu ou Qing, que caiu em 1912. Portanto, formaram-se lojas secretas de orientação maçónica mesmo em Moçambique, controladas pela irmandade Mung Mun, também cantonesa. Na Beira, um tal movimento esteve liderado pela confraria Chee Kung Tong, ligada à associação Mung Mun (Medeiros, 2007).

Foi, porém, a partir de 1949, quando Mao assumiu a liderança do partido comunista chinês, que a comunidade chinesa em Moçambique se tornou mais forte, consistente e bem inserida no meio cultural e social local, basicamente devido ao fato de os homens encontrarem mais dificuldades em voltar para a mãe-pátria, com o objetivo de casar com mulheres da sua própria nação. Assim, uniões e casamentos mistos de sino-africanos multiplicaram-se, dando origem a uma comunidade mais numerosa e multicultural. Em 1938, foi aberta a Escola Chinesa em Lourenço Marques e, em 1950, na Beira. E foi nos anos 1950 que a comunidade chinesa se distinguiu em termos de associativismo e de sucesso em algumas disciplinas desportivas, acima de tudo basquetebol.

São suficientemente conhecidos os sucessos do Atlético Chinês nesta disciplina, dispensando portanto muitos aprofundamentos. Entretanto, é possível recordar aqui uma importante vitória num torneio internacional em Joanesburgo, e as provas de simpatia por parte da imprensa moçambicana (Macagno, 2011). Porém, além do basquetebol, também se praticavam outras modalidades desportivas, tais como ténis de mesa, badminton e artes marciais.

As artes marciais tiveram uma boa difusão na Beira. Nas décadas de 1940 e 1950, praticava-se o wushu e, nos anos 1960, há notícias de um mestre de Tai Chi Chuan, com uma turma de cerca de 40 alunos (Medeiros, 2013). O Karaté era também praticado, com a presença bastante assídua do cinturão negro residente na Rodésia, Ian Harris (Medeiros, 2013).

Um pouco antes da independência moçambicana, a comunidade chinesa, ou sino-africana, em Moçambique contava, segundo os dados oficiais (provavelmente subestimados) com cerca de 5000 residentes, dos quais cerca de 1370 (entre os quais 668 mulheres) no Centro do país, nomeadamente nas províncias de Manica e Sofala, e cerca de 2744 no resto do país, principalmente na então cidade de Lourenço Marques e seus arredores (Medeiros, 2007).

A independência de Moçambique assinala uma transformação nítida e até uma rotura no seio da comunidade chinesa e sino-moçambicana da altura. Ligados em larga medida ao poder colonial português (foram vários os chineses sobretudo de segunda geração convertidos ao catolicismo e que entraram na função pública, desempenhando diferentes papéis), orientados politicamente na sua maioria para Chang Kai Check e a nova China Formosa (Taiwan), a comunidade chinesa pré-independência dispersou-se por várias partes do mundo, principalmente Portugal, Brasil, Estados Unidos, com alguma tentativa não muito bem-sucedida de voltar para Macau (Medeiros, 2007). Os poucos que ficaram em Moçambique (cerca de 100 indivíduos) tiveram de aceitar uma nova presença, cada vez mais consistente, de chineses comunistas, seguidores da governação do Mao, com prevalência do mandarim e sem nenhuma possibilidade de serem aceites como chineses se anteriormente tivessem se convertido ao catolicismo.

Logo após a independência, as estruturas associativas chinesas foram nacionalizadas. A principal, onde hoje funciona o Centro Cultural China-Moçambique (CCCM) e a Escola Chinesa, teria sido transformada em Escola de Artes Visuais, e devolvida ao Estado Chinês

apenas em 2004, inaugurada em 2005, com a presença do embaixador de Pequim em Maputo. Apesar de muitos defenderem – não sem razão – a nova presença chinesa como forma de neocolonialismo (Silvestre, 2017), não resta dúvidas de que o associativismo chinês cresceu notavelmente nos últimos dez anos, quer mediante iniciativas espontâneas – como a relativa ao Wushu, de que se falará a seguir –, quer com a intervenção cada vez mais sistemática da embaixada, como demonstra a difusão do ensino do mandarim no próprio CCCM ou na Universidade Eduardo Mondlane e, também, o apoio (ainda modesto, mas entretanto significativo) a algumas atividades do Wushu. Tal é uma demonstração de que o *soft power* chinês em África, nomeadamente em Moçambique, é e continuará a constituir um elemento central da estratégia de penetração do governo de Pequim neste continente (Nye, 2005).

### O Wushu em Moçambique

Como ficou dito, o Wushu começou a ser praticado pelos imigrados chineses em Moçambique, quer na Beira, quer em Lourenço Marques, na sede do atual CCCM, por volta dos anos 1950-1960. Uma entrevistada, uma senhora sino-moçambicana que faz parte ativa do Centro, confirmou esta circunstância, tendo sido o pai dela um dos fundadores do Centro, de língua cantonesa, que decidiu ficar em Moçambique depois da independência, apesar de grandes dificuldades então sentidas. Ela testemunhou que já na altura se praticava Wushu em Lourenço Marques, que depois da independência, com a nacionalização do CCCM, este património cultural e desportivo se perdeu e, por fim, que práticas baseadas no Wushu como Tai Chi, só foram retomadas apenas graças aos esforços do atual Mestre Cheng Fu Wang (na foto abaixo).



Ilustração 01 – O Mestre Cheng Fu Wang treinando no CCCM em Maputo (Foto dos autores).

A este propósito, uma longa entrevista com o atual Mestre do Wushu, Cheng Fu Wang, feita no CCCM de Maputo, assim como com alguns dos seus atuais atletas moçambicanos, permitiu obter informações sobre o Wushu hoje em Moçambique. Acima de tudo, o que parece interessante é a modalidade como o Wushu foi reintroduzido no país: fora das teorias de *soft power* acima evocadas (que poderão ser aplicadas entretanto a outros aspetos da cultura chinesa em Moçambique, tais como a difusão do mandarim, ou à segunda fase de expansão do Wushu), o Wushu contemporâneo em Moçambique surgiu por acaso, ou seja, por uma série de circunstâncias que levaram o Mestre Cheng Fu Wang a dedicar-se a tempo inteiro a esta atividade. Entretanto, ao wushu o Mestre associou outras atividades relacionadas com a cultura e a terapêutica chinesa, tais como as massagens praticadas no último piso das instalações do CCCM, onde o Mestre reside.

Em boa verdade, segundo o próprio contou, o Mestre Cheng Fu Wang chegou a Moçambique em 2010, como um dos muitos migrantes chineses à procura de melhores condições de vida, tendo-se instalado na Matola-Rio, arredores de Maputo. A sua ideia não era difundir o Wushu, mas simplesmente trabalhar. Entretanto, ele costumava treinar sozinho num sítio semiaberto; foi graças a este seu hábito que um grupo de jovens o viu e se começou a interessar pelo Wushu, pedindo-lhe insistentemente para que os ensinasse a arte, com o que se tornou mestre deles. Porém, o Mestre tinha se mentalizado – como várias vezes declarou ao longo da entrevista e das conversas informais – que o Wushu não se adaptava às características culturais dos moçambicanos, uma vez que exigia muito sacrifício, disciplina, com longas horas de treinos diários, e sem nenhuma perspetiva concreta de uma remuneração. Uma série de fatores que, na opinião do Mestre, iam impedir a difusão desta arte em Moçambique.

Dos oito jovens que inicialmente tinham solicitado ao Mestre Cheng Fu Wang que os ensinasse o wushu, depois de dois meses só ficaram dois deles, mas, mesmo assim, o Mestre continuou, entre 2010 a 2013, a organizar uma pequena escola informal de Wushu na Matola Rio, sem a ajuda de nenhuma instituição, nem moçambicana, nem chinesa.

Foi apenas em 2014 que o grupo passou de uma total informalidade a alguma formalização, com a publicação, no Boletim da República, da Associação Moçambicana de wushu, cujo presidente é Luís Wang. E foi neste ano que os gestores do CCCM chamaram o Mestre para que ele passasse a treinar os seus discípulos nos locais “históricos” da comunidade chinesa na Baixa de Maputo.

Um trabalho de observação direta e de conversas informais com os praticantes da disciplina de cerca de um ano levou-nos a vivenciar a experiência do wushu atual em Maputo, na circunstância no CCCM, contando com mais dois centros na cidade, um no Choupal, outro no Zimpeto, a que acresce um em Nampula, que o irmão do Mestre abriu em 2018, juntamente com o atleta conhecido como Jojó.

Os treinos de Wushu acontecem cinco dias por semana (de 2.ª feira a 6.ª feira) e duas vezes por dia. O primeiro turno vai das 5 horas às 7 horas da manhã e o segundo das 18 às 20 horas. No total, o Mestre confirmou que os praticantes são, hoje, cerca de 70-80, e eles são extremamente diversificados em termos etários, culturais, e quanto às condições económicas e até às origens étnicas, uma vez que muitos estrangeiros frequentam regularmente os cursos do Mestre.

Os inscritos à Associação de Wushu são hoje cerca de 200. Uma primeira diferenciação deve ser feita entre os jovens “atletas” e todos os outros. Na verdade, além do Mestre Cheng Fu Wang, ninguém vive do Wushu, pelo que a expressão “atletas” se refere ao facto

de este pequeno grupo de jovens ter assumido o compromisso de considerar o Wushu como a sua atividade principal, apesar de não terem ganhos económicos da prática desta disciplina.

Alguns dos atletas mais próximos do Mestre conseguem dar aulas em escolas ou escolinhas em Maputo de que obtêm um ganho mínimo, comparável a uma ajuda de custo, mas nada mais do que isso. Entretanto, eles vivem “para o Wushu”. Entre eles, a faixa etária é bastante diversificada, oscilando entre os 20 e os 35 anos. De igual modo, as profissões e a formação de cada um desses discípulos variam muito: do informático ao cozinheiro, passando pelo estudante de engenharia informática na Universidade Eduardo Mondlane. São todos homens, salvo uma jovem.

O interessante deste grupo é que, sendo todos os seus elementos moçambicanos, conseguem segurar as três escolas ativas em Maputo, ficando o Mestre Cheng Fu Wang no CCCM, com visitas regulares às escolas do Choupal e Zimpeto. O trabalho do Mestre Cheng Fu Wang não se limita apenas a ensinar a prática desportiva, inclusive pelo fato de o Wushu constituir muito mais do que um simples desporto, abrangendo aspetos culturais da tradição chinesa extremamente relevantes e nem sempre em sintonia perfeita com os valores africanos. Em várias circunstâncias o Mestre confessou que nunca teria imaginado de organizar uma escola de Wushu em Moçambique, pois, segundo ele, os moçambicanos estão reféns do espírito de disciplina e sacrifício exigidos por esta modalidade. Tal abordagem extremamente dura e rigorosa é visível nos próprios treinos, em que muitos principiantes, quer adultos, quer crianças, acabam desistindo depois de provar a dureza e dedicação que o Wushu precisa. Aliás, contrariamente ao que acontece nas outras escolas desportivas particulares, de frequente é o próprio Mestre a aconselhar para que uma certa pessoa sem atitude desista das aulas, procurando outra disciplina mais adequada para ela. Pelo contrário, os poucos que conseguem treinar devidamente se tornam adeptos do Mestre, partilhando com ele grande parte das suas vidas, inclusive os momentos de lazer, por exemplo ao longo do fim de semana. Eles acabam constituindo uma verdadeira elite de iniciados, adorando o Mestre e desenvolvendo com ele vínculos muitos estreitos de solidariedade e irmandade, baseados na comunhão de alguns valores fundamentais, que integram prática desportiva com filosofia de vida, tais como: a procura do melhor que cada um pode retirar de si próprio, a importância da reflexão interior e do diálogo com os outros, a generosidade e a gentileza, a honestidade e a escassa relevância atribuída ao dinheiro e à riqueza material.

Em termos desportivos, o Wushu moçambicano cresceu consideravelmente ao longo dos últimos anos. Com efeito, a cada dois anos um grupo de atletas que trabalha com o Mestre consegue fazer um estágio na China – graças a fundos de filantropos, assim como da embaixada chinesa em Moçambique – e treinar nas melhores escolas de Wushu daquele país.

Em 2016, por exemplo, Calisto Matsimbe, Mohamed Aghas, Artur Ernesto, Dinis António e Momed Dirfah foram para China durante um mês e na cerimónia de despedida se fez presente o então Ministro da Juventude e Desporto, Alberto Nkutumula. (Jornal de Notícias Online, 2016).

Em 2018, o atleta Edimilson, o dito estudante de informática, foi também convidado pelo Mestre a ir à China fazer o seu estágio. Na entrevista que lhe fizemos em Maputo, Edimilson, admitindo que foi uma experiência ímpar, afirmou que, em termos de preparação física e técnica, não existe uma grande distância entre o nível que ele e os seus colegas alcançaram em Moçambique e o dos atletas chineses, tanto que Edimilson ganhou a medalha de ouro numa competição muito importante de Wushu.

Além dos atletas, há grupos diversificados que praticam diariamente e regularmente o Wushu. Uma primeira observação, que foi possível fazer ao longo do período em que estivemos em contato direto com os treinos de Wushu no CCCM, é a de que os chineses que lá vão constituem uma minoria. Por vezes, há dias em que o único chinês é o próprio Mestre. Em várias circunstâncias quer o Mestre, quer o irmão dele falaram de forma não muito abonatória dos outros chineses que vivem em Moçambique, geralmente comerciantes e que muito pouco partilham dos princípios e valores do Wushu, sendo assim visível uma fratura entre o universo que se move em torno desta disciplina e filosofia e o resto da comunidade chinesa. Por isso é que, entre os adultos, a maioria são ocidentais ou moçambicanos mistos ou brancos, todos eles (e elas) interessados em apreender a arte do Wushu, assim como a cultura chinesa e o mandarim. Por exemplo, uma ex-jornalista da Rádio Moçambique (RM), já reformada procura conciliar a aprendizagem do Wushu com a do mandarim lecionado atualmente na Universidade Eduardo Mondlane.

O testemunho dos atletas também confirmou isso: apesar de eles estarem mais focados na parte do desporto e das suas performances, o aspeto cultural é decisivo. Várias vezes, nos almoços em casa do Mestre, eles têm afirmado que “temos de difundir a nossa cultura” (aludindo à cultura chinesa), revelando uma adesão a ela que vai muito além do interesse no Wushu como prática desportiva.

A este propósito, vale a pena recordar também que, em 2018 foi criado um espaço, logo na entrada do CCCM, ao pé da pequena biblioteca, para meditação, individual e em grupo, em que também uma vez participámos. Trata-se de uma capela taoísta, onde o Mestre com os atletas, assim como com alguns dos outros frequentadores do CCCM, se aproximam cada vez mais dos aspetos espirituais da cultura chinesa.

Ainda acerca dos praticantes de Wushu, merecem um destaque especial as crianças, cada vez mais numerosas. O Mestre Cheng Fu Wang dedica-lhes uma atenção especial, embora certas vezes, em dias de muita gente, seja necessário destinar pelo menos um dos atletas para o treino deste grupo, de maneira a ter um cuidado específico.



**Ilustração 03** – A menina Lucia numa competição de Wushu no CCCM de Maputo (Foto dos autores).

A ligação entre prática desportiva e cultura chinesa encontra o seu momento de maior exaltação durante as festas e as competições, eventos que podem coincidir. São esses os únicos momentos em que foi possível ver uma presença significativa de chineses residentes em Maputo, mas não praticantes do Wushu, na sede do CCCM. Por exemplo, em 2018, ano do Cão, teve lugar uma grande festa, organizada pela direção do CCCM, em que houve uma exibição de algumas técnicas do Wushu, de Tai-tchi, assim como foram organizadas duas competições de todas as escolas de Wushu da cidade de Maputo e arredores. Nestas competições foram feitas demonstrações de várias disciplinas do Wushu, com atribuição no final de títulos e medalhas para os melhores atletas, inclusive crianças.



**Ilustração 03** – Momentos da premiação numa das competições de Wushu organizadas em Maputo em 2018.

Para o Mestre Cheng Fu Wang, os objetivos da Associação Moçambicana de Wushu são bem claros: acima de tudo, é necessário passar de uma associação para uma federação e, para conseguir isso, devem criar-se centros de Wushu em vários cantos do país. Nampula só foi o início, a próxima etapa, provavelmente, será Beira, onde – como se referiu – já existe uma tradição de artes marciais chinesas. Os constrangimentos são os dos escassos meios financeiros, embora – como explicou o Presidente da Associação, entrevistado também em Maputo – já exista uma ajuda logística por parte do CCCM, assim como um renovado interesse por parte da embaixada chinesa em Maputo em apoiar o Wushu.

Finalmente, outro aspeto algo problemático atém-se à compatibilidade entre cultura chinesa e africana, nomeadamente, moçambicana. Por exemplo, quase todos os atletas entrevistados manifestaram as suas dificuldades em transmitir aos pais e demais familiares a ideia de que o Wushu é uma disciplina desportiva que vale a pena ser praticada, englobando nela elementos essenciais da cultura chinesa.

É largamente previsível que a nova fronteira do diálogo cultural China-Moçambique passe por atividades como o Wushu, em que as duas culturas poderão dialogar frutuosamente, assim como a chinesa poderá englobar a moçambicana, sobretudo no caso de jovens à procura duma identidade pessoal e profissional.

Com efeito, apesar do Wushu requerer muita dedicação, esforço e sacrifício físico/mental, ele disponibiliza um pequeno microcosmos em que laços de amizade e quase que familiares se formam, sobretudo no interior do pequeno grupo de jovens moçambicanos profissionalizados e que estão procurando, independentemente da sua proveniência social, pontos de referência éticos e culturais que um país como Moçambique dificilmente, neste momento, consegue assegurar. Graças também à personalidade do Mestre, que representa um exemplo vivo de tais valores de sacrifício, disciplina e lealdade, o restrito grupo de jovens “iniciados” foi impregnado da cultura chinesa, e não será de admirar que, num futuro muito próximo, alguns deles se tornarão difusores de tal cultura no contexto moçambicano.

## Conclusões

O Wushu em Moçambique ganhou uma nova dinâmica a partir da década de 2010, graças a uma iniciativa bastante casual protagonizada pelo Mestre Cheng Fu Wang e desencadeada pelo interesse de um pequeno grupo de jovens moçambicanos da Matola. Com efeito, apesar de esta prática desportiva ter uma certa tradição em Moçambique, principalmente na Beira e em Maputo, o “corte” registado com a independência quase rasurou por completo esta jovem tradição que se tinha formado ao longo dos anos 1950 e 1960.

No Moçambique independente, foi apenas na década de 2010 que o Wushu foi retomado e ganhou uma nova expressão e difusão, principalmente entre os moçambicanos, com uma localização bem precisa, a cidade de Maputo e nas instalações do CCCM.

A pesquisa revelou que as interligações entre a Associação Moçambicana de Wushu e as outras entidades chinesas presentes em Moçambique, tais como o CCCM e a embaixada, se tornaram cada vez melhores e mais intensas ao longo dos últimos cinco anos. Enquanto isso, a curiosidade e a adesão dos moçambicanos a esta disciplina desportiva, assim como a muitos outros aspetos da cultura e da língua chinesas, ampliaram-se de forma significativa.

Neste momento, o Wushu moçambicano encontra-se numa fase intermédia: ele já passou do voluntarismo que o tinha caracterizado até 2014, mas ainda não se tornou numa federação, devido à sua escassa expansão no país, fora de Maputo, com a parcial e recente exceção de Nampula. Será este o objetivo rumo ao qual o Mestre Cheng Fu Wang e os seus discípulos orientarão a sua atividade em termos de propagação dessa prática desportiva nos próximos anos.

## Referências bibliográficas

- Acevedo, William, Gutiérrez, Carlos & Cheung, Mei (2011), *Breve história do Kung Fu*, São Paulo: Madras.
- Henning, Stanley (1999), *Mitos das artes marciais do mosteiro Shaolin*, *Jornal da Associação do Havá de Pesquisa do Estilo Chen de Taijiqan*, Vol. 5, n.º 1.
- Jornal de Notícias Online (2016), *Para aperfeiçoar técnicas de Kung fu: Quinteto segue hoje para China*. [Em linha]. [Consult. 03.fev.2018]. Disponível em: <https://jornalnoticias.co.mz/index.php/desporto/desporto-nacional/60273-para-aperfeiçoar-tecnicas-de-kung-fu-quinteto-segue-hoje-para-china.html>.

- Li Chi (1974), *The Travel Diaries of Hsu Hsia-K'o. Hong Kong. The Chinese University of China*, note 17, pp. 253-254.
- Lopes, Francisco Palma (2017), *História e Técnicas do Kung Fu* [Em linha]. [Consult. 05.fev.2018]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/50663228-Historia-e-tecnicas-do-wushu-kung-fu.html>.
- Macagno, Lorenzo (2011), Os “bons portugueses” do Atlético Chinês: desporto e fotografia no Moçambique colonial. *Comunicação apresentada ao CIEA 7*. Lisboa: ISCTE. [Em linha]. [Consult. 07.fev.2018]. Disponível em: <https://repositorio.iscte.iul.pt>.
- Medeiros, Eduardo (2013), *Etnia e Raça no Desporto Beirense da Época Colonial. O Caso dos “Sino-Moçambicanos”*. *Cadernos de Estudos Africanos*, n.º 26, pp. 43-81. [Em linha]. [Consult. 03.mar.2018]. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/cea/n26/n26a03.pdf>.
- \_\_\_\_ (2007), *Os sino-moçambicanos da Beira: mestiçagens várias*, *Cadernos de Estudos Africanos*, vol. 13-14, pp. 157-187. [Em linha]. [Consult. 07.fev.2018]. Disponível em: <https://journals.openedition.org>.
- Napolitano, Andrea (2019), *Arti marziali cinesi: La storia del Wushu, Cina in Italia*, 02/01/2019. [Em linha]. [Consult. 15.maio.2019]. Disponível em: <https://cinainitalia.com/2019/01/02/arti-marziali-cinesi/>.
- Nye, Joseph (2005), *Soft Power*, New York: Public Affairs.
- Portal de Kung Fu (2012), *A história do Kung Fu* [Em linha]. [Consult. 03.fev.2019]. Disponível em: <http://portaldekungfu.com/kung-fu/a-historia-do-kung-fu/>.
- Procopio, Maddalena (2015), *The effectiveness of Confucius Institutes as a tool of China's soft power in South Africa*, *African East-Asian Affairs*, Issue 2, pp. 98-125. DOI: 10.7552/0-1-2-155.
- Silva Mocarzel, Rafael Carvalho da (2018), *Sobre o estilo de kung-fu garra de águia*, *Caderno de Educação Física e Esporte*, Vol. 16, n.º 1, pp. 167-178. [Em linha]. [Consult. 12.dez.2019]. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernodfisica/article/view/19049>.
- Silvestre, Jafar (2017), Presença chinesa em Moçambique, 2000-2015: hétero-identidades, neocolonialismo e “apartheid” sócio-laboral. In: Olivieri, Chiara & Ortega Santos, Antonio (Orgs.), *Decolonizando Identidades*, Granada: Universidade de Granada.
- Tubino, Manuel José Gomes, Tubino, Fabio Mazon & Garrido, F. A. C. (2007), *Dicionário enciclopédico Tubino do esporte*, Rio de Janeiro: SENAC.
- Zamblera, Stefano (SD). *Wushu ed arte rupestre cinese*. SE. [Em linha]. [Consult. 08.apr.2020]. Disponível em: [https://www.academia.edu/39163993/Wushu\\_ed\\_arte\\_rupestre\\_cinese](https://www.academia.edu/39163993/Wushu_ed_arte_rupestre_cinese).